

Fernando Molica

Festeiros que geraram segurança

Pode parecer engraçado até para eles, mas dois dos grandes responsáveis pela melhoria da segurança em ruas cariocas são o livreiro Rodrigo Ferrari (o Digão) e o dono de bares Raphael Vidal. Eles conseguiram tamanha proeza não investindo em homens armados ou em moderníssimos sistemas de alarme e vigilância: apenas trataram de colocar gente em ruas do Centro da cidade.

Ao criar, há quase 20 anos, uma roda de samba na Rua do Ouvidor, Digão fez muito mais do que aumentar a frequência de sua livraria, a essencial Folha Seca: gerou um novo lugar de encontros. Mais do que devolver à Ouvidor a centralidade que deveria ter perdido, ele fez com que cariocas redescobrissem aquele belíssimo conjunto de construções.

A roda cresceu, gerou filhotes por toda aquela região. Isso fez com que fossem multiplicados os bares e restaurantes que criaram muitos empregos, que botaram grana para circular. É tanta gente que aquelas ruas viraram um lugar seguro nos dias de evento.

Fenômeno semelhante ocorreu no também belíssimo Largo de São Francisco da Prainha, ali atrás da Praça Mauá. Um chope para quem, há uns dez anos, soubesse da existência de tal logradouro, uma espécie de barriga da Rua Sacadura Cabral. Mas Vidal, então morador do Morro da Conceição, alugou um sobrado e criou a Casa Porto, sem

saber se faria ou bar ou um centro cultural. Num primeiro momento, não fez nenhum dos dois, ficou no meio do caminho.

Vidal resolveu investir no negócio, e veio a pandemia. No sufoco, olhou em volta e encontrou uma saída coletiva — organizou, com motociclistas da região, um sistema de entrega de comida mais justo e humanizado. O negócio deu certo, vieram outros bares e muitas, muitas e muitas pessoas. O Largo da Prainha é hoje um dos locais mais seguros do Rio.

É claro que iniciativas isoladas não dariam conta da questão da segurança, um problema complexo que costuma ser visto apenas por suas consequências, pelos fatos terríveis e dolorosos que ocorrem depois de uma sequência de erros cometidos em série em uma sociedade tão desigual e excludente, não raras vezes governada por cúmplices de uma criminalidade pesada. A Rua do Ouvidor e o Largo da Prainha são como ilhas que chegam a contrastar com um entorno com frequência abandonado e deserto.

Mas os exemplos dados pelo Digão e pelo Vidal mostram que as melhores saídas para aumento de segurança não passam pela colocação de cercas, mas por sua gradual abolição. Cidades seguras são aquelas mais afáveis e alegres, que incluem mais e mais pessoas, que têm suas ruas ocupadas, que estimulam educação, criam e distribuem renda, chamam mais gente para a festa.

Tales Faria

PT insiste que Flávio Bolsonaro é o melhor adversário

Conselheiros do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) insistem que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) é o melhor adversário para que o petista consiga se reeleger, apesar de a última pesquisa de intenções de voto Datafolha não ter apresentado um resultado favorável.

A pesquisa entre os pré-candidatos à eleições presidenciais divulgada no sábado, 11, apontou que Lula foi ultrapassado numericamente pela primeira vez por Flávio Bolsonaro.

O filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) atingiu 46% de preferência do eleitorado num eventual segundo turno ante 45% do petista. Com Ronaldo Caiado (PSD) ou Romeu Zema (Novo) como rival, Lula marca 45% a 42%. No primeiro turno o petista ainda está à frente de todos, mas as distâncias diminuíram.

Os resultados representam empates dentro da margem de erro. O levantamento ouviu 2.004 eleitores em 137 cidades, de terça (7) a quinta (9), e está registrado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) com o código BR-03770/2026.

Assim como os demais institutos de pesquisa, o Datafolha tem apresentado a diminuição da distância entre Lula, como primeiro colocado, e Flávio, como segundo colocado nas intenções de voto para presidente da República no primeiro turno.

Uma parcela significativa dos petistas ficou alarmada com o fato de que, aparentemente, qualquer um dos principais adversários do campo da direita se mostra igualmente competitivo no segundo turno contra o presidente da República.

Iso aponta que Lula está com sua popularidade firmemente atada ao seu mau resultado nos levantamentos sobre o desempenho do governo, apesar dos índices positivos na área de emprego e até de inflação ao longo de sua administração.

Num primeiro momento, para a cúpula do governo, a culpa recai sobre a área de comunicação, que não estaria conseguindo se opor satisfatoriamente às campanhas da oposição.

O rombo provocado pelo do Banco Master no mercado, por exemplo, é atribuído pela opinião pública a falhas do governo, embora envolva majoritariamente figuras dos partidos do centrão e até bolsonaristas que receberam dinheiro.

Começa a circular dentro do PT a versão de que é preciso uma mexida mais profunda nas peças da comunicação. No entanto, o comando da campanha afirma que não há motivos para grandes preocupações. Pois o que está ocorrendo neste momento seria exatamente aquilo pelo qual se torcia: a consolidação de Flávio Bolsonaro como principal adversário de Lula.

Para o comando da campanha o senador é o nome mais fácil de ser derrotado na direita, devido a seu “telhado de vidro” e à própria ligação com o pai, que o deu visibilidade.

Está sendo preparada uma bateria de peças de campanha em cima do passado de Flávio — acusação de prática de rachadinhas em seu gabinete, super vendas na sua loja de chocolates do Rio de Janeiro, compra da mansão em Brasília e supostas ligações com milicianos.

Tudo será juntado a peças sobre o governo do pai, apontando privilegiamento dos ricos em detrimento dos pobres, busca de comida no lixo, campanha contra vacinas, mortes pelo Covid-19, etc. A ideia será desconstruir a imagem de bonzinho que Flávio está tentando construir.

Isto deu certo em eleições passadas, na disputa entre o tucano José Serra e o ex-governador Ciro Gomes, do Ceará. Mas Serra não conseguiu desconstruir Lula, nem Dilma Rousseff.

EDITORIAL

Melhado: entregue às pressas, deixa riscos

A entrega da duplicação da Rodovia Miguel Melhado, em Campinas, expõe mais do que um investimento em infraestrutura: revela sinais claros de pressa política que acabaram sobrepondo etapas essenciais de segurança e de respeito à população diretamente afetada pela obra.

Embora a rodovia seja, sem dúvida, estratégica para a mobilidade regional e para o acesso ao Aeroporto de Viracopos, a forma como sua conclusão foi conduzida levanta questionamentos relevantes. A inauguração ocorreu em meio a entraves judiciais recentes, incluindo uma decisão que determinava a suspensão das remoções de moradores. Ainda assim, o processo seguiu adiante, com famílias deixando suas casas em um contexto de pressão e insegurança.

Relatos de moradores e de representantes legais apontam que as desocupações ocorreram em prazos inferiores ao estabelecido em acordo firmado com a Defensoria Pública, o que indica possível descumprimento de garantias mínimas. Soma-se a isso a percepção, entre os atingidos, de que houve aceleração das etapas finais da obra em razão do calendário político, uma prática recorrente em períodos pré-eleitorais e que precisa ser enfrentada com mais transparência e responsabilidade.

Outro ponto crítico é a ausência de infraestrutura básica de segurança no momento da entrega. A falta de passarela para travessia de pedestres em um trecho de intenso fluxo, com múltiplas faixas, não é um detalhe técnico: é um risco concreto à vida. A promessa de construção desse equipamento apenas para 2027 reforça a impressão de que a obra foi inaugurada antes de estar plenamente concluída do ponto de vista funcional.

Além disso, questionamentos sobre o licenciamento ambiental e a ausência de licença de operação definitiva colocam em xeque a regularidade da liberação da via. Obras públicas não podem ser tratadas como peças de vitrine política. Elas devem atender, de tudo, a critérios técnicos, legais e humanos.

É legítimo celebrar investimentos e melhorias viárias. Mas é igualmente necessário reconhecer quando a pressa compromete o resultado. No caso da Miguel Melhado, a entrega antecipada, sem garantias completas de segurança e com impactos sociais ainda recentes, deixa uma pergunta inevitável: a quem serviu, de fato, o tempo dessa inauguração?

Mais do que cortar fitas, governar exige responsabilidade com pessoas. E, neste caso, essa conta ainda parece em aberto.

Opinião do leitor

Aguardando os próximos capítulos

Acompanhando diariamente as novidades da novela do governo do Rio e a eleição aqui no estado. Parabéns Correio da Manhã e Coluna Magnavita por toda a cobertura.

Donizete Rodrigues
Rio de Janeiro - RJ

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.